

**ESTAMPAS RELIGIOSAS GRAVADAS
DO CONCELHO DE MAFRA**

Manuel J. Gandra

Proémio a um catálogo em construção

As gravuras cujo rol se apresenta caem na sua mor parte no âmbito das denominadas “estampas de devoção”, como as crismou Racczynski no seu *Dictionnaire historique-artistique du Portugal* (p. 40). Trata-se, de facto, de pequenas estampas religiosas ora abertas a buril – sobre pranchetas de madeira de buxo (xilografura), ou sobre lâminas metálicas sem intervenção de rede (calcografia) – , ora esculpidas a cinzel em pedra calcária revestida de substância gordurosa (litografia). Consoante a matéria que constitui a matriz impressora e a técnica adoptada, assim se hão-de chamar: registo em madeira, em cobre, em aço, em zinco, em pedra litográfica; a buril, ponteadado, água-forte, etc.

Este género de estampas religiosas, figurando a efigie de um santo, de alguma das invocações de Jesus ou de Maria, ou ainda de certas passagens hagiográficas ou bíblicas, destina-se a servir à veneração e oração dos fiéis, ou para marcar determinada passagem num livro de devoção. Outro uso lhe dão os romeiros de muitas regiões do país, os quais conservam ainda o hábito de, no regresso das suas peregrinações, ostentar nos chapéus os registos com as imagens das entidades alvo da sua veneração.

Categorizados gravadores puseram os seus dotes artísticos ao serviço da produção desta modalidade de gravuras, contando-se nesse número vários estrangeiros contratados durante o reinado de Dom João V por iniciativa do soberano, bem assim como muitos portugueses contemporâneos, discípulos daqueles ou seus continuadores na mesma actividade artística ou até no respectivo ensino.

Grande parte da produção nacional centrava-se em Lisboa.

As confrarias e entidades encarregadas do culto podiam abastecer-se quer nas mais afamadas oficinas e casas editoras da capital, quer junto de estampadores mais modestos, autênticos gravadores populares, cuja actividade decorria anónima, não obstante o seu carácter prolífico e frequentemente meritório.

Um dos tipos de registo mais procurados pelas confrarias e devotos pobres que não tinham capacidade para pagar a um artista, conceituado ou não, a concepção de uma estampa exclusiva, era a daqueles que se podiam adaptar a não importa que invocação. Para o efeito, as firmas e artesãos produtores deixavam em branco o campo destinado à legenda alusiva à invocação, mantendo-se apenas, por motivos meramente comerciais, a senha da casa de fabrico ou de venda. Nesse caso competia ao comprador da edição a impressão do nome do Santo ou devoção a que o destinasse (veja-se, adiante, o exemplo do registo de São Silvestre do Gradil).

Outro dos expedientes a que recorriam os editores, consistia na cópia de gravuras, desenhos e registos de artistas de renome, evidentemente mais procurados. Noutras circunstâncias, uma mesma chapa era alugada a diferentes entidades, ou cedido o mesmo desenho original a várias casas produtoras, quando não mesmo, vendido a mais de uma confraria, motivo por que, com frequência, duas provas apenas se distinguem por as respectivas ilustrações se acharem invertidas: tendo uma sido estampada a partir da matriz e a outra a partir de uma cópia dela.

São conhecidos exemplos da maioria dos casos citados, entre as estampas religiosas que correram pelas romarias da região de Mafra. Se disse correram, tal circunstância resulta, com efeito, e infelizmente, de, entretanto, terem sido praticamente destronadas por outras normalizadas e de gosto *kitch*.

Faço votos para que estas sucintas achegas possam servir como preliminar roteiro para a organização do catálogo integral dos registos e estampas de devoção do concelho de Mafra, tarefa que tem de ser conduzida também fora da região, mediante incursões frequentes aos estabelecimentos de alfarrabistas e de antiquários especializados, na actualidade, os *ajuntadores* preferenciais, de objectos da feição destes, quase obsoletos.

1. *Registos de Santos*

Nossa Senhora da Encarnação

Segundo uma tradição registada por Frei Agostinho de Santa Maria, a primeira imagem venerada sob este título, na Fanga da Fé, teve origem milagrosa. Conta o cronista que um devoto de Maria, tendo ido, cerca de 1590, a Lisboa e recordando-se que na sua freguesia não havia qualquer imagem de Nossa Senhora, dirigiu-se à Sé para solicitar a cedência de uma das muitas imagens da Virgem ali existentes. Não foi atendido o seu pedido, no entanto foi-lhe oferecida uma Santa Catarina de roca, em muito mau estado, a qual o devoto aceitou sem qualquer hesitação. Chegado à sua terra, guardou a imagem num caixão, em casa. Acordou nessa noite em consequência dos resplandores que saíam da arca. Abrindo-a, reparou que a imagem estava perfeitamente encarnada, toda ela resplandecente e muito bem cheirosa. Deu conta do ocorrido ao pároco que providenciou um andor para o transporte da imagem, à qual, em vista do sucesso, foi dado o título de Encarnação.

Logo que se achou colocada na sua nova residência começou a obrar maravilhas, o que originaria a concorrência de muita gente e a recolha de muitas esmolas que permitiram principiar a igreja que adoptou o seu nome. Disso são prova os seis ex-votos bidimensionais remanescentes ¹ da outrora copiosa colecção que, conforme consta, ornava as paredes do santuário.

A imagem original, que era de roca e sobre cujo braço esquerdo se colocou posteriormente o Menino, foi substituída, em setecentos, pela actual, estofada, de magnífica factura.

Os Círios ao lugar da Encarnação para festejá-la, a 25 de Março e a 15 de Agosto, remontam, segundo se crê, ao século XVII. De acordo com as *Memórias Paroquiais*, em 1758, acorriam os seguintes: Alcabideche e Odivelas (nos 2º e 4º Domingos de Julho, respectivamente); Lourinhã, Sintra, São Pedro de Penaferrim, São Domingos de Rana, São Domingos de Carmões, São Pedro de Dois Portos e Sapataria (todos no 2º Domingo de Setembro); São Mamede da Ventosa (4º Domingo de Setembro); Mafra, Igreja Nova e Belas (2º Domingo de Outubro). Uma Provisão Régia de Dom José autorizaria mesmo a realização de duas feiras francas coincidentes com o 2º Domingo de Setembro e de Outubro.

No ano de 1923 veio aqui um Círio denominado da Pedra, constando ainda alguns provenientes de Peniche, Colares e Almargem do Bispo, entre outras localidades.

O templo, classificado como Imóvel de Interesse Público, é um dos mais interessantes e originais do concelho. Antigamente tinha anexas muitas casas para os acompanhantes dos círios.

¹ Cf. Manuel J. GANDRA, *Ex-votos bidimensionais do concelho de Mafra*, in *Boletim Cultural* '98, Mafra, 1991, p. 259-262, 264 e 281



Em moldura ornamentada, a Virgem com o Menino sobre nuvens, ambos coroados. Em baixo, um grupo de pessoas orando (buril; 125 x 74 mm).

insc.: Milagroza Imagem de N. Snr^a da / Encarnação q. se venera na Igr^a cita no / lugar de Lobagueira.

subsc.: God^o F. D.

Bibliografia

Sérgio GORJÃO / Maria do Carmo VILAR, *Registos e Objectos de Devoção (Coleções do Museu Municipal de Mafra e Museu da Misericórdia da Ericeira)*, Mafra, 2001, p. 20, n. 32; Frei Agostinho de SANTA MARIA, *Santuário Mariano*, Lisboa, 1707, II, liv. I, tit. 23, p. 76-80; Ernesto SOARES, *Inventário da Coleção de Registos Santos*, Lisboa, 1955, n. 02469

Nossa Senhora do Livramento

Um mancebo de Lisboa, embarcando para a Índia, no ano de 1627, com o vice-rei João da Silva Telo, conde de Aveiras, decidiu entregar a Mateus Ribeiro, padre amigo, uma imagem de Nossa Senhora do Livramento (de roca, coberta com um volante de prata e segurando na mão esquerda uns grilhões do mesmo metal), de que era muito devoto.

O sacerdote colocá-la-ia no seu oratório privativo. Durante vinte e oito anos aí se manteve, até que um visitante da casa se confessou admirado por aquela preciosidade não se achar ao culto numa igreja. O religioso considerou justa a observação.



1. Imagem de Nossa Senhora do Livramento

2. Registo (séc. XX?), evidentemente decalcado da imagem devota

Insc.: Nossa Senhora do Livramento / Azueira

145 x 94 mm

Uma variante desta história assevera que “na Quinta das Lapas, no lugar da Azueira, viveram dois eclesiásticos [...] que conservavam uma devoção extraordinária à imagem” e que, devido à peste “convidaram os moradores da freguesia [...]

a que recorressem à protecção da mãe de Deus, cuja imagem estava na sua posse, na Quinta das Lapas”. Seja como for, uma vez colocada no altar-mor da igreja de São Pedro dos Grilhões (Azueira), o povo depressa se afeiçoou à veneranda imagem, tendo proposto a edificação de uma ermida própria. O sítio foi escolhido, vizinho de uma nascente de água milagrosamente dada pela Senhora, tendo a obra sido iniciada no dia 20 de Setembro de 1655 e sagrada no segundo Domingo de Novembro do ano seguinte, com enorme concorrência de fiéis.

Por ocasião da primeira missa, celebrada no dia de Reis de 1657, foi sentida a necessidade de edificar duas grandes casas para abrigar os muitos romeiros que ali se dirigiam continuamente para cumprir promessas e agradecer graças, não só dos lugares vizinhos, como de alguns muito distantes. Foi essa a origem da Casa dos Círios (hoje e desde 26 de Março de 1966, Centro Paroquial).

Tal era a afluência de devotos que “se viu em breves dias a sua casa ornada de memórias e troféus alcançados contra as enfermidades e elementos [...]. E assim são muitos os quadros [ex-votos bidimensionais] que pendem das paredes daquela Casa ¹; muitas as mortalhas, os círios e outros sinais [...]” ².

¹ Ao arrolamento dos ex-votos bidimensionais existentes no concelho que realizei há alguns anos (cf. Manuel J. Gandra, *Ex-votos bidimensionais do concelho de Mafra*, in *Boletim Cultural* '98, Mafra, 1991, p. 247-286) escapou o único subsistente na igreja do Livramento, o qual ora deixo documentado. Trata-se de um ex-voto marítimo, com a seguinte inscrição “Milagre q[ue] fez N[ossa] S[enhora] do Livram[en]to a João Santos / vindo de berberia, sendo persiguido [sic] de / 1797 * hum Corsario francês * 1797”. Recordo que o Museu da Misericórdia da Ericeira detém no seu acervo cinco ex-votos, igualmente marítimos e gratulatórios de mercês concedidas por Nossa Senhora do Livramento.



² *Santuário Mariano*, p. 85.

Entretanto, dezanove Círios haviam de se congregar com o fim de celebrar a Senhora, “em dias distintos do ano”: o primeiro foi oriundo de Lisboa, seguindo-se-lhe Lousa, Alcainça, Igreja Nova, Mafra, Gradil, Enxara, Dois Portos, São Quintino, Turcifal, São Pedro da Cadeira, São Domingos da Fanga da Fé, São Mamede da Ventosa (com sede em Fernandinho), Freiria, Sobral da Abelheira, Ericeira, etc. Com a continuação e incremento das esmolas foi possível dar início à fábrica da capela-mor e de uma sacristia mais ampla, em torno dos quais o lugar do Livramento foi crescendo.

O terramoto de 1755 deixou a igreja destruída, tendo a sua reconstrução sido autorizada pelo Patriarcado, em 1786.

Com o tempo a maior romaria passou a ter lugar a 1 de Novembro, tornando-se costume encontrarem-se durante a Feira dos Santos (que dura dois dias), os Círios de Fernandinho, Poços (Freiria) e Mafra.

O Círio de Mafra, também designado Círio de Todos os Santos, crê-se que possa ter começado entre 1666 e 1682. Há anos realizava-se nas Capelas dos Murtais e do Arquitecto, alternadamente, no dia 1 de Novembro de cada ano, a festa em honra da Senhora do Livramento. O Círio partia ora de Vilãs, ora dos Gorcinhos, Gonçalvesinhos, Zambujal, Almada ou Vila Velha. À frente ia o carro dos foguetes e o gaiteiro sentado ao lado do cocheiro, seguindo depois muitos carros, brecks e carroças. Sensivelmente a meio do cortejo, o trem com o juiz da festa, os mordomos e a Senhora. No Livramento festejava-se na igreja, sendo comuns as desordens.

Na volta, o Círio saía do Livramento pela tardinha, passando pelo Gradil, Codeçal, Murgeira, Paz e chegando já de noite a Mafra. Dando três voltas à Praça dianteira do Palácio, ia direito à Vila Velha, onde um gaiteiro tocava, sendo lançados foguetes. O bailarico, em casa do novo juiz, entrava pela noite dentro, dançando-se ao som de harmónios e ferrinhos. O juiz, eleito, designado ou voluntário (como forma de pagamento de promessa) guardava durante um ano o estandarte (num caixão grande, com 1,20 m de comprimento) e a imagem de Nossa Senhora, os paramentos, opas, alfaias e objectos de ouro provenientes das promessas dos devotos. Em sua casa armava-se altar, na melhor dependência, atapetando-se o chão com murta e rosmaninho nos dias que antecediam a festa, até à partida da imagem em procissão para a Capela. Esta tradição em desuso, assim como o Círio, havia muitos anos (talvez desde 1946), foi parcialmente reatada em 1981, constando de missa na igreja de Santo André, procissão e arraial, com conjunto musical do qual faziam parte duas gaitas de foles e clarinete.

Bibliografia

João Paulo FREIRE, *Círios e Loas no Concelho de Mafra*, Porto, 1926; Jaime de Oliveira LOBO E SILVA, *A Roda do Ano ou A Vida na Ericeira no Século XIX*, Ericeira, 1989, p. 49-50; Padre Matheus RIBEIRO, *Compendio historico do Principio, Progresso, augmentos da Casa da Virgem N. S. do Livramento*, Lisboa, 1782; Frei Agostinho de SANTA MARIA, *Santuário Mariano*, Lisboa, 1707, t. 2, liv. 1, tit. 24, p. 80-86.

Nossa Senhora do Rosário

Devoção de carácter eminentemente dominicano, constituindo, de certo modo, um prolongamento do culto de Nossa Senhora da Misericórdia. São Domingos (1170-1221), que terá recebido pessoalmente o Rosário das mãos da Virgem, em 1210, alegadamente para ajudá-lo a vencer os albigenses, foi o responsável pela sua introdução.

A vitória de Lepanto (7 de Outubro de 1571) é a maior graça atribuída a Nossa Senhora sob este título. No mesmo ano, para comemorar o evento, foi instituída uma festa com o nome de Nossa Senhora da Vitória. O sucessor de Pio V fixou-a (1573) no primeiro Domingo de Outubro, mas só Gregório XIII viria a instituí-la com o nome da Senhora do Rosário. Clemente VIII inscreveu-a no *Martiriolôgio* e Clemente XI, alargou-a a toda a igreja (1716) em comemoração da Batalha de Belgrado (também contra os turcos). O Papa Leão XII (1878-1903) consagrou o mês de Outubro a Nossa Senhora do Rosário e introduziu esta invocação na Ladainha. Pio X, em 1913, fixou definitivamente a festa no dia 7 de Outubro. Introduzida em Portugal no século XV, as aparições de Fátima, em 1917, contribuíram em muito para a sua difusão.



1. Pintura figurando a aparição da Senhora do Rosário (invocação que é sugerida pela cercadura de rosas) ao pastorinho Fernando, da qual se serviu o gravador para a concepção do registo.
2. Registo da Senhora do Rosário (130 x 90 mm). Tem o Menino Jesus sentado no braço esquerdo. Junto da Senhora e a seus pés está um pastorinho ajoelhado e em volta quatro ovelhas.

Insc.: Verdrº Retrº de N. Srª q se venera na Irmida do Lugar de Vª Franca do Rozrº, como apareceu a um pastorinho por nome Fernando, em o anno de 1560 e tantos. O Emmº Card. Patriarcha concede 40 dias de Indulgª a qm rezar 3 Ave Marias diante desta Imagem.

Segundo uma tradição de que se faz eco frei Agostinho de Santa Maria no *Santuário Mariano*, a Virgem apareceu, em 1560, a um pastorinho chamado Fernando, enquanto ele guardava uns bois, perto do local onde hoje se acha o templo de Nossa Senhora da Memória (mandado construir por um fidalgo devoto), em Vila Franca do Rosário. Falou-lhe e pediu-lhe que dissesse ao pai que se lhe manifestara e mandava que naquele local se levantasse uma Ermida em que fosse louvada. Como o pai não fizesse caso do recado transmitido pela criança, a Senhora apareceu de novo e tornou a fazer o mesmo pedido. Ao segundo aviso, o pai respondeu ao filho: “Vai e diz a essa mulher que te fala que eu não tenho dinheiro nem cabedal para essa obra”. A esta resposta a Senhora sugeriu que vendesse um dos bois e desse princípio à obra, porque não havia de faltar o dinheiro. Sugeriu ainda que, depois de concluída a igreja, se dirigissem à ermida dedicada a Santa Comba (Vila Pouca, Enxara do Bispo), onde, atrás de umas tábuas, achariam uma imagem sua a quem dariam o título de Rosário. Assim fizeram. Já convicto, o lavrador começou a obra, próximo das ruínas de um antigo mosteiro.



Cumpriu-se a promessa da Senhora porque, vendo-se à noite os oficiais sem pedra e sem materiais, quando chegavam de manhã encontravam-nos no local, surgindo sem serem chamados os carros de pedra, cal e areia.

Começou então a concorrer gente a invocar a Senhora do Rosário, experimentando todos os seus favores com os muitos milagres que ela começou a obrar. Um desses milagres diz respeito ao crescimento de um zambujeiro (oliveira brava) no local da aparição. Um lavrador deitou a árvore abaixo e ela voltou a rebentar, repetindo-se este facto diversas vezes. Mais tarde, algumas pessoas da terra viram surgir um zambujeiro no telhado da Igreja.

Outro milagre está relacionado com o túmulo do pastorinho Fernando, pois, é voz corrente que em certo local no exterior do templo, pelas juntas de umas pedras da parede, é possível perceber um odor a rosas proveniente da sua campa, colocada, segundo se crê, sob o altar-mor.

Antigamente a Senhora era festejada no primeiro domingo de Outubro, concorrendo, além da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, outras três “dos moradores de Sacavém e seus contornos e de Lisboa”¹. Em 1713, tinha irmandade com compromisso do mesmo ano. O compromisso actualmente em vigor remonta apenas a 2 de Janeiro de 1981.

A Igreja, construída em 1567, possuía painéis de azulejos alusivos à aparição de Nossa Senhora do Rosário ao pastorinho Fernando. Destruída pelo terramoto de 1755, ostenta incompleta mas aparatosa fachada de alvenaria de aparelho, presume-se iniciada após aquela calamidade natural. Apresenta uma só nave, ressaltando na abóbada de berço o painel de pintura alusivo à entrega do Rosário a São Domingos. Na abóbada da capela-mor observa-se uma pintura, baseada na lenda da aparição ao pastor. No altar venera-se a imagem alegadamente encontrada na ermida de Santa Comba, em pedra, medindo cerca de dois palmos e meio de altura, a qual “um clérigo velho [...] afirma que em alguns dias se via [...] com a cor do rosto mais inflamada e outras negra”.

O edifício do templo, classificado como Imóvel de Interesse Público², foi objecto de restauro em 1984-1985 pela DGEMN.

Bibliografia

Notícia da Aparição da Milagrosa Imagem da Senhora do Rosario, que se venera na Ermida de Villa Franca do Rosario, freguesia da Enchara do Bispo, Lisboa, 1831; Isaías da Rosa PEREIRA, *Subsídios para a História da Diocese de Lisboa do Século XVIII*, Lisboa, 1980; Frei Agostinho de SANTA MARIA, *Santuário Mariano*, Lisboa, 1707, liv. I, tit. XXVIII, p. 92-97.

¹ Tomás Gomes de Avelar, vigário da Enxara, nas *Memórias Paroquiais* (1758).

² *Diário da República*, n. 29/84, s. 1, n. 145 (25 /6/1984).

Nossa Senhora do Socorro

Faz-se-lhe romaria anual, no dia 5 de Agosto, tradicionalmente concorrida pelos povos de Mafra, Torres Vedras, Sintra e Sobral de Monte Agraço.

Teve, outrora, Feira franca de três dias (Feira de *Monte Achique*, segundo o *Santuário Mariano*, e da *Feira da Ladra*, segundo as *Memórias Paroquiais*) à qual acorriam muitos vendedores de fruta (nomeadamente melância). Havia bailes e nos poiais, que ladeiam a casa da irmandade, o costumado *derrete* dos arraiais saloios. Era antigo costume haver desordens e rixas entre as freguesias.



N. S. DO SOCORRO.
NA SERRA DO MESMO NOME COMARCA DE
TORRES VEDRAS.

1



N. S. DO SOCORRO
SERRA DO MESMO NOME, COMARCA DE MAFRA

2

1. Registo (100 x 60 mm) de Nossa Senhora do Socorro (séc. XIX?)

insc.: N. S. do Socorro, / da Serra do mesmo Nome Comarca de / Torres Vedras

2. Registo (110 x 65 mm) de Nossa Senhora do Socorro (séc. XX, adaptado de outro do séc. XIX?)

insc.: N. S. do Socorro / Serra do mesmo nome, Comarca de Mafra

subsc.: Casa Avé Maria

O sítio localiza-se no alto de um cume basáltico, cuja cota máxima mede 394 m e onde têm sido detectados e recolhidos materiais arqueológicos remontando ao calcólico. Há pela serra galerias subterrâneas. Sobre elas corre uma lenda, segundo a qual existem três minas por explorar: uma de ouro, outra de enxofre e a terceira de peste. Tem sido detectado enxofre e, durante os desastros que se efectuaram em 1933 para abrir um acesso por estrada, sob o grés, encontraram-se afloramentos

lenhíticos entre os quais se acharam grandes pedaços de sulfuretos metálicos, principalmente pirite de ferro.

A maioria dos romeiros que aqui se desloca, vem para cumprimento de promessas (geralmente pagas em trigo) conforme os ex-votos ali reunidos atestam. Consta por tradição que foi mesquita, convertida em templo católico por D. Afonso Henriques e reedificada no reinado de D. Manuel. No retábulo de talha, constituído por quatro colunelos salomónicos, venera-se Nossa Senhora do Socorro que, além do Menino, segura uma pomba.



Antecede a capela uma galilé de abóbada de berço, posterior à construção. A porta principal foi refeita, conforme consta dum inscrição datada: “Regina Virginum / Ora pro nobis / A. D. / M. DCCC.XX”. Um inventário de 1890 dos bens pertencentes a este santuário regista a existência de inúmeros objectos em ouro, oferecidos à padroeira.

Bibliografia

António Vitorino França BORGES, *Nossa Senhora da Cabeça*, in *O Carrilhão* (1, 15 Set., 1, 15 Out., 15 Nov. 1984 e 15 Fev. e 15 Jun. 1985); Nunes COLARES, Folhetim: *Uma ascensão ao monte do Socorro*, in *Jornal Mafrense* (18 e 25 Ago. 1895); Manuel J. GANDRA, *Ex-votos bidimensionais do concelho de Mafra*, in *Boletim Cultural '98*, Mafra, 1991, p. 247-286.

Santa Comba

Santa Comba ou *Colomba* é advogada contra a asma, cultuada a 17 de Agosto. Orago da capela de Vila Pouca (Enxara do Bispo), onde duas imagens que a figuram andam associadas ao culto de São Mamede (festejado no mesmo dia, tal como a divindade latina Diana), padroeiro dos animais e protector contra a falta de leite das mulheres que amamentam.

Teve irmandade, com compromisso datado do ano de 1500.



1



2

1. Imagem setecentista de Santa Comba

2. Registo (130 x 76 mm) de Santa Comba (séc. XIX)

Insc.: S. Comba [sic] / Virgem martere [sic] q[ue] se venera na / sua Capela sita no lugar de V[il]la Pouca Freg[uesi]a / da [En]xara do Bispo advogada de asma e sezom / is e males contagiozos

Santa Cristina

Mártir de Tiro, advogada dos animais, cultuada a 24 de Julho.

Ainda é festejada na sua capela (Azueira) por Círios oriundos de diversas localidades dos concelhos de Torres Vedras, Alenquer e Lourinhã. De entre os mais assíduos, salientam-se: Murteira e Moita dos Ferreiros (Torres Vedras), em Agosto; Lourinhã, Runa, Patameira e Figueiras (Torres Vedras), no mês de Setembro; Ponte de Rol e Monteirão (Torres Vedras), em Outubro; Fernandinho, no dia de Todos os Santos.

Na região de Mafra, era costume dizer a um animal que espirrava ou se espreguiçava: “Santa Cristina t’abibente”. Quando se mostravam animais aos vizinhos, estes deviam dizer-lhes: “Bons olhos te vejam! Benza-te Deus! ou então Benza-te Santa Cristina”.



1



2

1. Imagem quinhentista de Santa Cristina

2. Registo (132 x 83 mm) de Santa Cristina (aproveitamento moderno de uma estampa setecentista)
Insc.: Santa Christina – Livramento, Mafra

Santa Marta

Companheira de Santa Susana, é cultuada a 29 de Julho, como padroeira dos estalajadeiros e das lavadeiras.

Evangelizou as margens do Ródano, libertando essa região da *Tarasca*, o dragão que a iconografia apresenta a seus pés.

Na Ericeira terá, porventura, substituído uma devoção pré ou protohistórica, cujo sincretismo remete para a deusa fenícia Astarte (“a Santa”, nome por que também eram conhecidas as prostitutas sagradas entre os Cananeus) e grega Artemisa, conhecida em Creta por *Eileithya*, “a grávida” (e por *Vénus Ericina* no Monte Erix, na Sicília), e representada na companhia de um ouriço-cacheiro (o qual conteria, de facto, à heráldica da Ericeira, em vez do ouriço do mar, comum a todo o litoral e por consequência atípico).

À imagem de Santa Marta da capela primitiva, situada junto às nascentes homónimas e demolida em 1760, mandou um Padre visitador tirar as “gadelhas e monhos” (visitação de 25 de Maio de 1655).



Registo de Santa Marta (séc. XIX?)

insc.: S. Marta: / Advogada contra febres e epidemias

São Silvestre

Patrono dos animais, tradicionalmente invocado nas orações de protecção e ensalmos destinados a curar a erisipela.

É festejado a 31 de Dezembro. No concelho de Mafra, em Alcainça e na igreja paroquial do Gradil de cuja é o orago.



Registo de São Silvestre (agua-forte; 104 x 60 mm)

Em corpo inteiro, sobre peanha, de mitra e báculo

insc.: S. Silvestre do Gradil

subsc.: Travessa de S. Domingos, 58 [Lisboa]

Bibliografia

Ernesto SOARES, *Inventário de Registos de Santos*, Lisboa, 1955, p. 130, n. 01823

2. Registos de Irmandades

Irmandade da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Mafra

Segundo o *Livro das Eleiçoenz*, a Ordem Terceira da Penitência de Mafra foi “novamente estabelecida debaixo da protecção Real”, no dia 17 de Setembro de 1736, acrescentando que se ficou regendo pelos mesmos “capítulos e decisões” da sua congénere lisboeta. A protecção de que o Magnânimo lhe fez mercê ¹ e a rápida adesão de muitas personalidades e ilustres mestres e artífices da Real Obra, casos, entre outros, de Vieira Lusitano, de Giusti, de Don José de Lara Churriuguera, de Tomás Francisco (canteiro), de José Antunes (serralheiro), de João Nunes Colares (vidraceiro), de Luís Gonçalves (ferreiro), de José Roiz (carpinteiro), e de Manuel Alves da Maia (oficial de alvenú) havia de grangear-lhe o privilégio de



1



2

1. Registo aberto a buril (120 x 94 mm) destinado a ser aplicado nas Patentes dos Irmãos, encomendado a um gravador emérito, Pierre Massar, dito Rochefort.

subsc.: de Rochefort, fecit Ulyssipone [1737?]

2. Registo aberto a buril (110 x 90 mm) que servia de escapulário aos Irmãos nos dias festivos, encomendado em Lisboa a um dos mais famosos gravadores do tempo, Guilherme Francisco Lourenço (Debrie).

subsc.: Debrie dl. et sculp. 1737

¹ Em 4 de Outubro do mesmo ano “pela uma hora e meia, depois do meio dia indo Sua Majestade jantar ao Refeitório o esperou na portaria o Padre Comissário e o irmão Ministro e Secretário lhe saíram ao encontro no Corredor das Aulas e ajoelhados diante dele [...] beijaram a mão a Sua Majestade pela mercê que fizera à Ordem em se dignar ser seu protector [...] o que com agrado Sua Majestade agradeceu [...]”.

P A T E N T E
O R D E M
D A P E N I T E N C I A
P . S . F R A N



DA VENERAVEL
T E R C E I R A
D E N . S E R A F I C O
C I S C O .

FR. Religioso da Provincia de Santa Maria da Arrabida da mais estreita, e regular observancia de nosso Serafico Padre S. Francisco, Pregador, Confessor, e Comissario Visitador da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia neste Real Convento de nossa Senhora, e Santo Antonio junto a Mafra, &c. Fazemos saber como o Irmão _____ segundo nos consta de huma que apresentou, havendo passado o anno do noviciado louvavelmente, fez a sua profissão nas mãos do M. R. P. Fr. _____ Comissario Visitador da Veneravel Ordem Terceira _____ nos do mez de _____ anno de 1 _____ como a Regra, e Estatutos mandaõ; e que por conveniencias espirituas deseja muito aditar-se a ella, e com effeito se lhe concede benignamente. Peço a todos os Reverendissimos Padres Guardas, Comissarios, Ministros, e Irmãos de toda a Ordem Primeira, e Terceira, o admittaõ em qualquer parte, a que chegar, aos exercicios, e obras de caridade, e se lhe faça como a legitimo Irmão da Ordem, e filho de nosso Serafico Padre S. Francisco. Em fé do que dei a presente assinada de meu nome, e pelo Ministro, e Secretario della com o sello, e annas da Terceira Ordem. Convento Real de nossa Senhora, e Santo Antonio junto a Mafra em _____ do mez de _____ de 1 _____



PATENTE DA VENERAVEL ORDEM TERCEIRA DA PENITENCIA
DE NOSSO SERAFICO PADRE S. FRANCISCO.

FREI Religioso da Pro-
vincia d e Commissario Visitador
da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, de Nosso Serafico Padre
S. FRANCISCO, em este Real Convento de Nossa Senhora, e Santo
Antonio, junto a Mafra. Fazemos saber como Irma
segundo consta dos Livros das Recepções, e Profissões, que
está em poder do Secretario da dita Ordem: Recebeo o Habito della em o
do mez de da era de 18 e havendo passado o anno do Novicia-
do louvavelmente, e feitas as diligencias, que a Regra, e Estatutos mandão para
a Profissão, como me constou por fé do Irmão

Ministro que he da dita Terceira Ordem, foi admittid a ella, e a fez
em minhas mãos em o dia do mez de da era de 18 Pelo que,
peço a todos os Padres Guardiães, Commissarios, Ministros, e Irmãos de toda a
Ordem Primeira, e Terceira, admittão em qualquer parte a que chegar nos
exercícios, e obras de caridade, e se lhe faça como a legitima Irma da Ordem,
e filh de Nosso Serafico Padre S. FRANCISCO. E em fé do que dei a presen-
te, assignada de meu nome, e pelo Ministro, e Secretario della, com o Sello,
e Armas da Terceira Ordem. Convento Real de Nossa Senhora, e Santo Anto-
nio junto a Mafra em de de 18



MESA da Veneravel Ordem Terceira de nosso Serafico Padre S. Francisco sita no Real Convento de Mafra, faz presente a todos os seus Irmaos Terceiros de hum, e outro sexo, em que de manhã, que se haõ de contar de ha de haver Communhaõ geral na dita Igreja, e de tarde Absolviçaõ Papal, a qual ha de dar o nosso M. R. Padre Commiſſario, depois da Pratica; e como por falta de noticia se naõ aproveitaõ desta Graça a mayor parte dos nossos Irmaos, se faz publico este Edital, para que vindo á noticia de todos, se preparem de manhã com os Santos Sacramentos da Confissaõ, e Eucharistia, para de tarde receberem a dita Absolviçaõ, &c.

poder organizar na referida vila a *Procissão da Penitência dos Santos Terceiros Franciscanos*, a qual teve início, “com muita decência”, no dia 27 de Março, 4ª Domingo da Quaresma, do longínquo ano de 1740.



3. Registo aberto a buril (42 x 35 mm) que encabeçava os Editais da Irmandade.

Compõem-na dez andores que desfilam pela ordem seguinte, após uma notável Cruz Processional feita em Itália: O Salvador do Mundo, O Papa Nicolau IV dando as Regras a S. Francisco, Os Bem Casados (Santos Lúcio e Bona), S. Roque, Santa Margarida de Cortona, Santo Ivo, Santa Rosa de Viterbo, São Luís Rei de França, Santa Isabel Rainha de Portugal e O Senhor do Monte Alverne.

A Venerável Ordem Terceira de São Francisco, sediada na Capela do Campo Santo, foi extinta por Alvará de 17 de Agosto de 1866, atendendo a que somente possuía quatro Irmãos por os demais haverem desertado. Face ao estipulado no Decreto de 21 de Outubro de 1836 esse número era manifestamente insuficiente, constituindo impedimento legal à sua subsistência. O processo constituído com vista à extinção acha-se no AHM, incluindo, em apenso, o Inventário de todos os bens pertencentes à Ordem Terceira de São Francisco.

Imediatamente após a extinção da Ordem Terceira de São Francisco de Mafra, a Irmandade do Santíssimo Rosário da mesma vila habilitou-se à posse e fruição dos bens supracitados dos quais Francisco Militão de Almeida Pereira fora constituído depositário (24/2/1866). A adjudicação, regulamentada por Alvará do Governo Civil de 22 de Maio de 1867, ocorreu a 25 de Julho do mesmo ano sob os auspícios do Administrador do concelho de Mafra, José Luís Champalimaud Duff, “com a condição de bem os conservarem e de fazerem as Procissões denominadas da Penitência e do Enterro”.

Bibliografia

Ayres de CARVALHO, *O Museu de uma Casa do Povo (quatro Registos gravados inéditos)*, in *Mensário das Casas do Povo*, a. 9, n. 108 (Jun. 1955), p. 3-4 e in *Obra Mafrense*, Mafra, 1992, p. 191-196; idem, *Irmandades de Mafra*, in *Mensário das Casas do Povo*, a. 10, n. 117 (Mar. 1956), p. 10-13

Irmandade do Santíssimo Rosário de Mafra

Erecta na Real Basílica de Nossa Senhora e de Santo António, a 7 de Outubro de 1736. Entre Irmãos contaram-se diversos notáveis, como, a título de exemplo: Dom frei Hilário de Santa Rosa, bispo de Macau e Juiz em 1755 e, de novo, de 23 de Outubro de 1757 até 4 de Novembro de 1762; o carrilhanor José Pedro Le Roi (diversas vezes eleito secretário da Mesa); o escultor Brás Toscano de Melo (secretário de Dezembro de 1773 até 3 de Fevereiro de 1782), etc.

A divisão do general francês Loison furtou algum do seu património, num montante avaliado em 300 mil réis, consoante a denúncia apresentada pelos Irmãos José Pedro de Moraes e Duarte Pereira, em 13 de Fevereiro de 1816 [AHM: *Autos cíveis de justificação*], depois de terem visto “um soldado da dita divisão com os tinteiros da Casa da Irmandade”. A imagem da padroeira, encomendada, em 1742, ao escultor José de Almeida, que cobrara pelo seu feitio cinco moedas e meia de ouro (*Livro de Despesa*, fl. 7r), foi um dos diversos outros objectos roubados.

Após a sua extinção (1897), foram adjudicados ao Hospital de Nossa Senhora das Dores as alfaias e mais bens pertencentes a esta Irmandade e constantes de dois inventários ainda subsistentes.



1



2

1. Registo aberto a buril (120 x 94 mm) usado nas Patentes dos Irmãos e nos Sumários das Indulgências que se lhes davam. Gravado por Guilherme Francisco Lourenço (Debrie).

subsc.: Debrie dl. et sculp.

2. Registo aberto a buril (110 x 90 mm) que servia como escapulário preso ao hábito dos Irmãos: uma murça azul em volta do pescoço, sobre veste de serafina branca, e um cordão de retrós azul, à cintura. Gravado por Pierre Massar, dito Rochefort.

subsc.: Pedro de Rochefort, fecit Ulyssipone

Bibliografia

Ayres de CARVALHO, *O Museu de uma Casa do Povo (quatro Registos gravados inéditos)*, in *Mensário das Casas do Povo*, a. 9, n. 108 (Jun. 1955), p. 3-4 e in *Obra Mafrense*, Mafra, 1992, p. 191-196

Irmandade do Senhor Jesus dos Passos de Mafra

Organizada por iniciativa do Padre Gonçalo Casimiro Nogueira e do Administrador do Concelho, comendador Leonel de Vasconcelos e Mello, em 2 de Outubro de 1902.

Seria canonicamente instituída na Basílica de Mafra no dia 20 de Dezembro de 1903, ficando sedeada na casa por cima da Sacristia.

Tinha por objecto a propagação do Culto Divino e a prática e a observância da Caridade.

A diminuição das suas receitas e, conseqüentemente, a impossibilidade de suportar os encargos impostos pela Lei de Separação do Estado e da Igreja, ditaria a sua extinção, em 1911.



Senhor Jesus dos Passos de Mafra

Estampa do Senhor Jesus dos Passos de Mafra (167 x 100 mm), inserta nos *Estatutos* da Irmandade (Lisboa, 1903)

3. *Diversos*

Disciplinas utilizadas pelos arrábidos de Mafra

Como se colige da Carta XVI do seu *Portugal Illustrated*, William Morgan Kinsey (1788-1851), sacerdote protestante, *fellow* do Trinity College de Oxford, entrou em Mafra, em 1827, proveniente de Torres Vedras.

Avistou o zimbório e as torres do Palácio muito antes de ter chegado a Mafra, onde ainda deparou com os únicos dois regimentos da guarnição inglesa que não tinham sido chamados a Belém devido à instabilidade política reinante, na qual, afirma, os ingleses não pretendiam interferir.

Um benefício resultante da presença na vila de tropas britânicas foi a instalação de uma nova estalagem com o conforto e a limpeza que caracteriza os estabelecimentos ingleses similares e a vantagem adicional, sublinha, de se situar diante da “bonita fachada ocidental do edifício real”. Admira-se com a magnitude da suntuosa construção que supõe comemorar “o triunfo da loucura, do fanatismo e da Inquisição”. Verifica que os frades cederam quase por completo o lugar à tropa inglesa no convento, encontrando-se “a maior parte das janelas sem vidros e fechadas com postigos pintados de vermelho que conferem um aspecto miserável ao edifício”. Deste retoma a descrição já estereotipada de Murphy ou de Frei João de São José do Prado.

Alude ao processo de fabricação das disciplinas usadas pelos religiosos de Mafra, publicando uma ilustração exemplificativa, e dá uma sumária explicação sobre a estrutura e significado do terço.



Gravura em madeira (105 x 70 mm), in *Portugal Illustrated* (Londres, 1828)
insc.: Franciscan Discipline, Cross, &c.

São Jerónimo

Doutor da Igreja, cultuado a 30 de Setembro.

A gravura reproduz a estátua de Fillipo della Valle, da Capela do Santo Cristo, a primeira da esquerda, após a galilé da Basílica de Mafra.

Foi originalmente impressa no *Arquivo Pittoresco* (v. 3, 1860, p. 17) e reproduzida, no século transacto, na *Colecção de Postaes da Revista Latina*, n. 89.



Pedroso / Nogueira da Silva
1860
Gravura em madeira (95 x 145 mm)
subsc.: *N. da Silva*
insc.: Mafra - S. Jerónimo



Bibliografia

Manuel J. GANDRA, *Iconografia do Monumento de Mafra (gravura até 1900)*, Mafra, Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, 1997, n. 36; idem, *Iconografia do Monumento de Mafra (desenho, pintura e gravura até 1900)*, in *Boletim Cultural '97*, Mafra, 1998, p. 250, n. 52

Cristo crucificado

A estampa reproduz o desenho do retábulo de Giusti, colocado no altar da Capela do Santo Cristo, a primeira da esquerda, após a galilé da Basílica de Mafra, o qual reproduz um óleo de Francesco Solimena. Foi o segundo retábulo (3300 x 2000 mm) a ser terminado (1757) pela Escola de Escultura de Mafra e é, regra geral, considerado o de melhor qualidade

Foi originalmente impressa no *Archivo Pittoresco* (v. 3, 1860, p. 33), editada em formato de bilhete postal pela Comissão de Turismo de Mafra, na década de 1930.



ENFERA — Cristo crucificado

1860

Gravura em madeira (145 x 95 mm)

insc.: Mafra - Cristo crucificado

Bibliografia

Manuel J. GANDRA, *Iconografia do Monumento de Mafra* (gravura até 1900), Mafra, Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, 1997, n. 35; idem, *Iconografia do Monumento de Mafra* (desenho, pintura e gravura até 1900), in *Boletim Cultural '97*, Mafra, 1998, p. 250, n. 51

As onze mil virgens

A gravura reproduz o desenho luneta em mármore (3100 x 1540 mm) representando Santa Úrsula, existente na Capela das Santas Virgens e Viúvas da Ordem Seráfica, a primeira da direita, após a galilé da Basílica de Mafra.

Foi originalmente impressa no *Archivo Pittoresco* (v. 3, 1860, p. 129), editada em formato de bilhete postal pela Comissão de Turismo de Mafra, na década de trinta.



MAFRA — As onze mil virgens

1860

Gravura em madeira (145 x 95 mm)

insc.: Mafra - As onze mil virgens

Bibliografia

Manuel J. GANDRA, *Iconografia do Monumento de Mafra (gravura até 1900)*, Mafra, Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, 1997, n. 34; idem, *Iconografia do Monumento de Mafra (desenho, pintura e gravura até 1900)*, in *Boletim Cultural '97*, Mafra, 1998, p. 250, n. 50

A Anunciação

Episódio narrado no evangelho de São Lucas (I, 26-38). São Gabriel visita Maria, ajoelhando diante dela. Traz na mão um lírio branco, alusão à pureza da Virgem, dirigindo-se-lhe com a saudação “*Ave Maria* [...]” e informando-a que havia sido escolhida para conceber e dar à luz o Messias. Respondendo aos temores da Virgem, o arcanjo diz-lhe que o Espírito Santo, para o qual aponta, descerá sobre ela. Maria responde-lhe, *Ecce Ancilla Domini*. A iconografia do episódio, comemorado no dia 25 de Março (alegadamente o mesmo da criação do Mundo), figura a Virgem lendo provavelmente o profeta Isaías.

A estampa reproduz o desenho do retábulo em mármore (3300 x 2250 mm) existente na Capela de Nossa Senhora da Conceição, colateral do lado direito, ou da Epístola, da Basílica, concluído entre 1771 e 1791 pela Escola de Escultura de Mafra.

Foi originalmente impressa no *Archivo Pittoresco* (v. 4, 1861, p. 153) e editada em formato de bilhete postal pela Comissão de Turismo de Mafra, na década de 1930.



1861

Gravura em madeira (95 x 145 mm)

insc.: Mafra - A anunciação



FFFFF — A anunciação

Bibliografia

Manuel J. GANDRA, *Iconografia do Monumento de Mafra* (gravura até 1900), Mafra, Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, 1997, n. 37; idem, *Iconografia do Monumento de Mafra* (desenho, pintura e gravura até 1900), in *Boletim Cultural '97*, Mafra, 1998, p. 250, n. 53

Fuga para o Egipto

No Domingo de Ramos, imediatamente anterior ao de Páscoa (entre 15 de Março e 21 de Abril), a liturgia católica comemora a entrada de Jesus em Jerusalém, iniciando-se a Semana dos Perdões (*hebdomada indulgentiae*).

A 6ª Feira anterior é dedicada às *Sete Dores de Nossa Senhora*, cuja festa foi primeiramente instituída em Colónia, no ano de 1423, para recordar as dores de Maria ou os seus sofrimentos relacionados com: 1. a profecia de Simeão (*Lucas, II, 35*) quando da Apresentação no Templo; 2. a fuga para o Egipto; 3. Jesus perdido no Templo; 4. o caminho do Calvário; 5. a Crucifixão; 6. a descida da Cruz; 7. a sepultura de Jesus. A sua difusão em Portugal ficou a dever-se à Congregação do Oratório de Braga, sob a iniciativa do Padre Martinho Pereira.



FUGA PARA O EGIPTO

Mafra, 11 de Abril de 1954
Gravura; 150 x 100 mm
subsc.: AC [Ayres de Carvalho]
insc.: Fuga para o Egipto

Instituída pela Irmandade das Dores no Domingo de Ramos de 1793, tendo por aias as mais ilustres donas da vila de Mafra, ainda se realiza a *Procissão das Sete Dores de Nossa Senhora*, popularmente crismada *da Burrinha*, em virtude de um

dos sete andores que se incorporam no préstito (na exacta razão da cada uma das sete dores de Nossa Senhora) figurar Maria montada num jumento, em plena fuga para o Egipto ¹, circunstância em que Ayres de Carvalho a quis aqui figurar.



¹ Os andores resultam do labor de um santeiro especialista em “figuras de pasta para carros de triunfo, imagens de procissões”, etc., de seu nome Joaquim José de Barros Laborão (1762-1820), discípulo e ajudante do escultor Padre João Crisóstomo Policarpo da Silva (1734-1798) e um dos últimos dirigentes da Escola de Escultura de Mafra. São eles pela ordem segundo a qual desfilam: a Profecia de Simeão, a Fuga para o Egipto, o Menino entre os Doutores, o Encontro a Caminho do Calvário, a Crucifixão, a Descida ou Descimento da Cruz e o Senhor Morto ou Soledade. Posteriormente, foi incorporado o andor de Nossa Senhora das Dores, padroeira da Irmandade organizadora, o qual fecha o desfile. Sendo a matéria em que as cerca de cinquenta imagens foram moldadas, pasta de papel, extremamente delicada, compreende-se que o uso e a incúria lhes tenham provocado danos. A função esteve por tal motivo interrompida desde 1894 e durante seis décadas, porquanto só em 1954, pelos bons ofícios e tenacidade do Professor Ayres de Carvalho voltaria a realizar-se, tendo sido, novamente, suspensa em 1970 para ser retomada, após restauro, em 1989.